

SITUAÇÕES VIVENCIADAS PELAS PESSOAS COM O TRANSPLANTE RENAL*

BIANCA POZZA DOS SANTOS¹; ALINE DA COSTA VIEGAS²; FERNANDA LISE³; RAQUEL PÖTTER GARCIA⁴; TREICI MARQUES LECCE⁵; EDA SCHWARTZ⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – *bi.santos@bol.com.br*

²Universidade Federal de Pelotas – *alinecviegas@hotmail.com*

³Universidade Federal de Pelotas – *fernandalise@gmail.com*

⁴Universidade Federal de Pelotas – *raquelpottergarcia@gmail.com*

⁵Universidade Federal de Pelotas – *treicilecce@gmail.com*

⁶Universidade Federal de Pelotas – *eschwartz@terra.com.br*

1. INTRODUÇÃO

A pessoa acometida pela doença renal crônica (DRC), em tratamento dialítico, possui algumas restrições decorrentes das sessões de hemodiálise ou de diálise peritoneal, privando-se de levar uma vida com liberdade para participar de diversas atividades. Ao ser transplantada, a mesma recupera a autonomia (FONTOURA, 2012).

Nesse contexto, o transplante renal trata-se de uma terapêutica que promove um retorno às atividades habituais para a maioria das pessoas com a DRC (CALLAGHAN; BRADLEY, 2006). É tido como fator de motivação para a retomada de planos e de novos projetos para o futuro. Embora não seja um tratamento que promova a cura, ele proporciona às pessoas melhora na qualidade de vida, permitindo a reabilitação física, a retomada da vida social, assim como as atividades relacionadas ao trabalho, à família, ao lazer, entre outros fatores que possam refletir no modo saudável de se viver, que até então, eram impossibilitados em decorrência do tratamento dialítico (SILVA, 2011).

Salienta-se que essas situações são algumas das vivenciadas pela pessoa após o transplante renal. No entanto, é importante destacar que também há fatores que podem influenciar negativamente na vida das pessoas submetidas a essa modalidade terapêutica. Então havendo a necessidade de conhecer a vivência das pessoas com o transplante renal, decidiu-se desenvolver este estudo aplicando a Técnica dos Incidentes Críticos (TIC), uma vez que ela tem sido empregada na enfermagem por permitir conhecer, por meio da obtenção de dados qualitativos, a subjetividade das pessoas que vivenciam determinadas situações (RIBEIRO et al., 2012).

Baseado nesse aspecto, acredita-se que a TIC permitirá uma visibilidade das situações positivas e negativas vivenciadas pelas pessoas com o transplante renal. Assim, o objetivo deste estudo foi identificar as situações positivas e negativas vivenciadas pelas pessoas com o transplante renal.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo, do tipo descritivo, utilizando como método, a TIC. Foram entrevistadas 20 pessoas que realizaram o transplante renal, que se adequaram aos seguintes critérios de inclusão: ser maior de idade;

* Recorte da Dissertação de Mestrado intitulada “As vivências das pessoas com o transplante renal”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas em 2013. Pelotas/RS, Brasil.

estar disposto a participar do estudo; não apresentar dificuldades de comunicação verbal; estar vinculado ao serviço ambulatorial de nefrologia onde o acesso aos dados dos transplantados ocorreu; possuir de um a mais anos de realização do transplante renal, tendo realizado anteriormente algum tratamento dialítico.

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevista semiestruturada, de maio a julho de 2013. Depois de transcrita e lida exaustivamente, foi realizada análise de conteúdo preconizada pela TIC, de modo a isolar as situações ocorridas, sendo essas, positivas ou negativas para a pessoa com o transplante renal (DELA COLETA; DELA COLETA, 2004).

Quanto aos princípios éticos, o estudo respeitou a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 1996) e a Resolução 311/2007 do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN, 2007). Ademais, foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa, sob o parecer nº 192/2013. Para preservar o anonimato das informações, cada entrevistado foi codificado pela letra E, sendo acompanhado de um número arábico sequencial e da idade (por exemplo, E1, 43 anos).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em meio às situações citadas positivamente, após o transplante renal, destacaram-se aquelas em que as pessoas voltaram a fazer quando haviam interrompido por causa da instalação da doença renal e do tratamento dialítico, como pode ser observado neste depoimento: *Já depois do transplante são coisas que, eu posso fazer uma Faculdade, eu posso estudar. Se eu quiser viajar e passar uma semana fora, indiferente. [...] Nem se compara com a rotina que a hemodiálise te obriga a manter. [...] Para mim, pelo menos, o transplante foi uma coisa muito boa, melhorou bastante a minha vida* (E5, 30 anos).

A significação que o transplante renal tem na vida da pessoa com DRC está na compreensão de que após a sua realização, ela poderá realizar atividades que foram interrompidas, assim como disporá de tempo para os seus afazeres cotidianos (FONTOURA, 2012). Fato esse constatado na fala de E5, 30 anos, em que a realização do transplante renal lhe permitiu estudar e viajar.

Essa situação é semelhante ao depoimento prestado pelo entrevistado E7, 58 anos: *Uma vida nova, com novos objetivos, poder viajar [...], viver melhor com a minha família, com os meus amigos. Não fazer nada demais, fazendo o dia a dia, mas o dia a dia com qualidade de vida, que eu não tinha* (E7, 58 anos).

Com a necessidade do cumprimento do tratamento dialítico, o transplante renal passa a ser almejado pelas pessoas com DRC, pois ele pode permitir o retorno à vida social (PEREIRA; GUEDES, 2009), de modo a retomar uma rotina afetiva e familiar o mais próximo da normalidade (PERSCH; DANI, 2013).

Entre as situações negativas, houve o depoimento de um entrevistado que mencionou a dificuldade em conseguir uma ocupação profissional, em decorrência da debilitação de sua saúde. [...] *só o que está faltando ainda, é começar a trabalhar mesmo [...]. Às vezes eu me sinto meio ruim e tal, rara às vezes, mas ainda não me sinto tão bem. [...] Eu estou há dois anos [transplantado], mas um ano e tanto eu fiquei praticamente só me recuperando. Eu fiquei muito fraco depois que eu fiz o transplante. Eu fiquei com 48 quilos, hoje eu estou com 70, então eu fiquei assim, fora de mercado* (E16, 40 anos).

Apesar de o transplante renal libertar a pessoa da rotina imposta pela diálise e das reações negativas que esse tratamento pode ocasionar (LIRA; LOPES, 2010), o reingresso ao mercado de trabalho é um dos desafios enfrentados após o transplante renal. Conforme abordado pelo entrevistado E16,

40 anos, em que uma das dificuldades foi iniciar uma atividade laboral e de mantê-la devido a sua indisposição física.

Outra situação desfavorável foi o cuidado que a pessoa deve tomar para a preservação do órgão transplantado. [...] *eu tenho algumas coisas que eu ainda tenho que cuidar. Não posso carregar peso, eu tenho que me cuidar muito com a umidade, porque geralmente a defesa do organismo é mais baixa devido ao transplante. Então qualquer infecção que eu pegue, o rim pode puxar para ele. Então [...] algumas coisas eu tenho que estar me cuidando. Procuro não pegar umidade, chuva, peso [...]* (E3, 40 anos).

A realização do transplante renal permite para a pessoa com DRC uma maior liberdade em relação à diálise (SANTOS; SANTOS; COSTA, 2011), o que faz tornar viável, até mesmo, a elaboração de planos concretos (BARBOSA, 2013), mas que não fujam da realidade vivida, em que muitas vezes os transplantados podem sofrer limitações. Como apontou o entrevistado E3, 40 anos, interferindo assim, na realização de suas atividades.

O processo de transplantação para a pessoa com IRC, embora seja uma alternativa de melhora na qualidade de sua vida, requer cuidados com o órgão transplantado, de modo a minimizar as chances de rejeição e de possíveis complicações. Assim, o rim transplantado também pode ser acometido por algumas doenças que poderão alterar sua função, como as infecções urinárias, além das obstruções na saída da urina e das rejeições, aguda ou crônica (SBN, 2014), exigindo a tomada de um maior cuidado com a saúde.

4. CONCLUSÕES

Este estudo permitiu conhecer as situações vivenciadas pelas pessoas com o transplante renal, observando assim, a presença de fatores positivos, entre eles a liberdade para estudar e viajar, e negativos, como o reingresso ao mercado de trabalho e a adoção de cuidados com a saúde. Perante os dados encontrados, é possível considerar que essa modalidade terapêutica pode oferecer melhores condições para uma vida com qualidade, permitindo o retorno às suas atividades. Entretanto, ele também pode acarretar circunstâncias que geram limitações na realização de atividades, ou até comprometer o estado de saúde do transplantado.

Espera-se que este estudo possa contribuir no conhecimento relacionado à vida da pessoa após o transplante renal. Para que desse modo, os profissionais da saúde auxiliem na vivência dessa terapêutica adotada e que possam implementar cuidados que favoreçam na manutenção do transplante com qualidade de vida, uma vez que esse tratamento é cercado por situações positivas e negativas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, K.F.S. **A experiência em família frente à doença renal terminal e o transplante bem sucedido.** 2013. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Estadual de Londrina.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução 196, de 10 de outubro de 1996:** diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília, 1996.

CALLAGHAN, C.J.; BRADLEY, J.A. Current status of renal transplantation. **Methods in Molecular Biology**, v.33, n.3, p.1-28, 2006.

COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. **Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem**. Resolução COFEN 311/2007. Acessado em 13 ago. 2012. Online. Disponível em: <http://www.portalcofen.gov.br/2007/materias.asp?ArticleID=7323§ionID=37>

DELA COLETA JA, DELA COLETA MF. **A técnica dos incidentes críticos: 30 anos de utilização no Brasil na Psicologia, Administração, Saúde e Educação**. Taubaté: Cabral editora e Livraria Universitária, 2004.

FONTOURA, F.A.P. **A compreensão de vida de pacientes submetidos ao transplante renal: significados, vivências e qualidade de vida**. 2012. Dissertação (Mestrado) - Programa de Mestrado em Psicologia, Universidade Católica Dom Bosco.

LIRA, A.L.B.C.; LOPES, M.V.O. Pacientes transplantados renais: análise de associação dos diagnósticos de enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v.31, n.1, p.108-114, 2010.

PEREIRA, L.P.; GUEDES, M.V.C. Hemodiálise: a percepção do portador renal crônico. **Cogitare Enfermagem**, v.14, n.4, p.689-695, 2009.

PERSCH, O.; DANI, D.M. Transplante renal intervivos: um olhar psicológico. **Caderno de Ciências Biológicas e da Saúde**, n.1, p.1-15, 2013.

RIBEIRO, L.C.M.; SOUZA, A.C.S.; BARRETO, R.A.S.S.; NEVES, H.C.C.; BARBOSA, M.A. Técnica de incidente crítico e seu uso na Enfermagem: revisão integrativa da literatura. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v.65, n.1, p.162-171, 2012.

SANTOS, L.V.A.; SANTOS, A.B.; COSTA, C.M.A. Qualidade de vida relacionada ao domínio relação social em transplantados renais: estudo preliminar. **Revista do Hospital Universitário Pedro Ernesto**, v.10, supl.1, p.64-72, 2011.

SBN. Sociedade Brasileira de Nefrologia. **Transplante renal**. [2014]. Acessado em 22 jul. 2014. Disponível em: <http://www.sbn.org.br/publico/transplante-renal>

SILVA, F.S. **História oral de vida de pacientes transplantados renais: novos caminhos a trilhar**. 2011. Dissertação (Mestrado) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.